

[CORONAVÍRUS](#)

A Ómicron e Portugal: o que está a ser bem feito, o que não sabemos se está a ser mal feito e um conselho - cuidado com os exageros



Janiecbros/Getty Images

Uma análise do matemático e professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa Carlos Antunes, que olha para a maneira como Portugal - e o resto do mundo - estão a reagir à nova variante do vírus

29 NOVEMBRO 2021 18:44



[Helena Bento](#) Jornalista

Ainda não se sabe se a nova variante do vírus, a Ómicron, é mais transmissível do que a variante que neste momento está associada à esmagadora maioria das infeções em todo o mundo, a Delta, mas “tudo indica que a transmissão é superior”. Se assim for, as medidas que vão entrar em vigor em Portugal a partir de 1 de dezembro podem não ser suficientes para conter os casos de infeção, sendo necessário apertá-las. A avaliação é feita ao Expresso por Carlos Antunes, matemático e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, [no dia em que foram confirmados 13 casos de infeção associados à nova variante do vírus no plantel e membros da equipa técnica do Belenenses SAD.](#)

“Há ainda incerteza sobre a transmissibilidade desta variante em comparação com a Delta, mas o número superior de mutações e o rápido crescimento dos casos na África do Sul, onde o índice de transmissibilidade do vírus passou de um valor inferior a 1 para 1,47 em poucos dias, indicam que é superior. Tudo indica que será.” Se assim for, esta nova variante vai tornar-se “progressivamente dominante” em todo o mundo.

É difícil, por agora, saber em quanto tempo isso pode acontecer, uma vez que esse dado depende de estudos que estão ainda por realizar ou por conhecer. “Depende do índice de transmissibilidade desta nova variante. Quanto maior for, mais depressa se torna dominante”, diz Carlos Antunes. Um cenário hipotético, para se perceber melhor esta evolução e antecipar cenários: se a Ómicron for 500% mais transmissível do que a Delta, [como referiu há dias um especialista do Instituto de Biotecnologia Molecular de Viena Ulrich Elling](#), pode tornar-se dominante em Portugal “dentro de um mês”.

Daí ser importante tomar medidas [como as que foram anunciadas esta segunda-feira pela diretora-geral da Saúde](#), Graça Freitas, face à confirmação de casos positivos da nova variante na equipa do Belenenses. “São medidas de prevenção. Como não sabemos como a situação vai evoluir, o princípio da máxima precaução implica tomar todas as precauções possíveis para evitar que o vírus se propague de forma descontrolada”, explica Carlos Antunes.

A eficácia destas medidas é, contudo, limitada. “O objetivo não é evitar que a nova variante chegue a Portugal e se torne dominante, porque isso já não é possível. Ela vai chegar de qualquer maneira. É, antes, evitar que chegue de forma muito rápida e se torne impossível de controlar.”

O “importante”, acrescenta o especialista, “é retardar a propagação até conhecer a transmissibilidade do vírus”. “Medidas como rastrear contactos e sequenciar amostras de vírus servem para aumentar o conhecimento sobre a nova variante, saber como se propaga, se é mais rápida, mais lenta, se invade a proteção imunitária e quais os efeitos, até em termos de severidade”, explica, sublinhando a importância de se “aumentar a testagem” nas atuais circunstâncias. “Do ponto de vista não farmacológico, há medidas que têm de ser acionadas de forma urgente para evitar um aumento exponencial de casos e situações de sobrecarga e descontrolo.”

MEDIDAS QUE VÃO ENTRAR EM VIGOR SÃO SUFICIENTES?

Na manhã desta segunda-feira [foram confirmados 13 casos positivos de infeção associados à nova variante no plantel e membros da equipa técnica do Belenenses SAD](#). Para Carlos Antunes, este número mostra que a nova variante está a instalar-se “muito rapidamente” em Portugal. “Se esta variante entrar em força no nosso país, propagando-se a uma velocidade superior à Delta, e causar infeções mais graves do que a variante atual, teremos eventualmente de apertar as restrições”, antecipa o matemático, referindo-se às novas medidas contra a pandemia que vão entrar em vigor a partir de 1 de dezembro. Vão desde o uso obrigatório de máscara em qualquer recinto fechado, independentemente da sua dimensão, ao prolongamento das férias escolares de Natal até ao dia 10 janeiro e à obrigatoriedade de se trabalhar a partir de casa entre 2 e 9 de janeiro. Se, por outro lado,

“se propagar mais rapidamente mas causar infeções menos graves, pode não ser necessário alterar as medidas” que vão estar em vigor, bastando “reforçar a vigilância e monitorização” dos novos casos e “reforçar os rastreios e os testagem”, acrescenta o matemático.

Depois de terem sido conhecidos os primeiros casos da variante Ómicron a nível mundial, vários países impuseram restrições às viagens aéreas com origem na África do Sul e outros países do sul do continente africano. No domingo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) pediu alguma contenção face a esse tipo de medidas, que têm um impacto “pouco significativo” na diminuição de novos casos de infeção e causam grandes prejuízos económicos e sociais, afirmou Matshidiso Moeti, diretora da OMS para África. “As restrições que venham a ser implementadas não devem ser desnecessariamente invasivas e devem estar baseadas em dados científicos.”

Carlos Antunes volta a referir o “princípio da máxima precaução” para justificar a decisão de alguns países de fechar fronteiras. “Não são regras que vão ficar durante meses. Se se perceber que a nova variante não é tão transmissível quanto a Delta, essas restrições vão ser levantadas.” Sobre a adequação da medida ao nível de gravidade da situação, diz apenas que tanto a decisão de fechar as fronteiras como a decisão de as manter abertas comportam riscos. “Há o risco de se estar a exagerar, por um lado, e o risco de ter maior propagação do vírus, por outro.”